



**O engano sonoro – Breves considerações sobre o  
“ventriloquismo” no período latino tardo-medieval<sup>1</sup>**  
The Sound Deception – Brief considerations on “Ventriloquism”  
in the Late Latin and Medieval period

Nikola D. Bellucci<sup>2</sup>

e-mail: [nikoladbellucci@gmail.com](mailto:nikoladbellucci@gmail.com)

orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3732-8873>

DOI: <http://dx.doi.org/10.25187/codex.v6i1.18469>

**Resumo:** Partindo da descrição dos *Engastrimythes* contida em uma passagem do quarto livro de “Aventuras de Gargântua e de Pantagruel”, de F. Rabelais (1552), e apoiando-se em recentes estudos em âmbito grego, o presente artigo propõe uma breve investigação sobre o “ventriloquismo” no período latino tardo-medieval, mostrando as evoluções semânticas e especializações do termo e concentrando, então, o interesse sobre o divisor de águas crítico fornecido (por um capítulo) de *Caroli Magni Capitulare de imaginibus* até chegar ao início do Renascimento.

**Palavras-chave:** *engastrimuthos*; ventríloquos; *Caroli Magni Capitulare de imaginibus*; período latino tardo-medieval

**Abstract:** Starting from the description of the *Engastrimythes* contained in a passage from the fourth book of “*La vie de Gargantua et de Pantagruel*” by F. Rabelais (1552) and referring back to recent studies in the Greek context, the article proposes a brief investigation about “ventriloquism” in the Late Latin and Medieval period, showing semantic developments and specializations of the term and then focusing the attention to the critical watershed provided by a chapter of the *Caroli Magni Capitulare de imaginibus* until reaching the threshold of the Renaissance.

**Keywords:** *engastrimuthos*; ventriloquists; *Caroli Magni Capitulare de imaginibus*; Late Latin and Medieval period

---

<sup>1</sup> Texto traduzido por Ana Thereza B. Vieira e Jeannie Bressan Annibolet de Paiva. A versão original deste artigo, em italiano, pode ser acessada diretamente pelo DOI: <http://dx.doi.org/10.25187/codex.v6i1.14914>

<sup>2</sup> University of Bern, Department Member of the Institut für Archäologische Wissenschaften. Archäologie des Mittelmeerraumes. Büro: 205. Länggassstrasse 10 – 3012 Bern, Switzerland. O autor, agradecendo à Revista *Codex*, deseja dedicar este estudo a Ana Thereza B. Vieira e Jeannie Bressan Annibolet de Paiva, que cuidaram da presente tradução em português.

**Riassunto:** Partendo dalla descrizione degli *Engastrimythes* contenuta in un passo del quarto libro delle “Avventure di Pantagruelle” di F. Rebelais (1552) e riallacciandosi ai recenti studi in ambito greco, l'articolo propone una breve indagine sulla “ventriloquia” nel periodo tardo latino e medievale, mostrando evoluzioni semantiche e specializzazioni del termine e concentrando poi l'interesse sullo spartiacque critico fornito (da un capitolo) dal *Caroli Magni Capitulare de imaginibus* sino a giungere alle soglie del cinquecento.

**Parole chiave:** *engastrimythos*; ventriloqui; *Caroli Magni Capitulare de imaginibus*; periodo tardo latino e medievale.



*If we could dis sever from the ideas the ludicrous association,  
we would personify Reason as a ventriloquist;  
it is of inferior importance into what uncouth vessel she throws her voice,  
provided only that it is audible.*

S. T. Coleridge, *Essays on his Times in the Morning Post and the Courier*,  
ERDMAN, 1978, I, 120.

*En la court de ce grand maistre ingénieux, Pantagruel apperçeut deux manières de gens, appariteurs importuns et par trop officieux, les quelz il eut en grande abhominacion. Les uns estoient nommez Engastrimythes, les aultres Gastrolatres. Les Engastrimythes soy disoient estre descenduz de l'antique race des Eurycles, et sur ce alleguoient le tesmoingnaige de Aristophanes en la comédie intitulée les Tahons, ou mousches guespes, dont anciennement estoient dictz Eurycliens, comme escript Plato, et Plutarque on livre De la cessation des oracles. Es saintz Decretz, 26, quest. 3, sont appelez ventriloques, et ainsi les nomme en langue ionicque Hippocrates, lib. 5, Epid., comme parlans de ventre; Sophocles les appelle sternomantes. C'estoient divinateurs, enchanteurs et abuseurs de simple peuple, semblans non de la bouche mais du ventre parler et respondre à ceulx qui les interrogeoient... Les Gastrolatres, d'un aultre costé, se tenoient serrez par troupes et par bandes, joyeux, mignars, douilletz aulcuns, aultres tristes, graves, severes, rechignez, tous ocieux, rien ne faisans, poinct ne travaillans, poys et charge inutile de la terre, comme dict Hésiode, craignans, selon qu'on pavoit juger, le Ventre offenser et emmaigrir. Au reste masquez, desguisez, et vestuz tant estrangement que c'estoit belle chose.*

RABELAIS: 1552. Livre IV, Chap. LVIII: Comment, en la court du maistre ingénieux, Pantagruel détesta les Engastrimythes et les Gastrolatres<sup>3</sup>. (CHÉRON, 1876, pp. 247-248).

---

<sup>3</sup> RABELAIS, 1532-1564.

Na corte desse grande mestre engenhoso (i.e. Gaster), Pantagruel notou duas maneiras de gente servidora, importunas e exageradamente oficiosas, as quais lhe suscitaram grande abominação. Uns se chamavam Engastrimitas, os outros, Gastrolatas. Os Engastrimitas diziam descender da antiga raça de Euricles, e, para tanto, alegavam o testemunho de Aristófanes na comédia intitulada *Os moscardos* ou *Vespas*. Aquele era antes conhecido por *Euriciens*, como escreve Platão e Plutarco, no livro *A cessação dos oráculos*. Nos santos Decretos (26, quest. 3) são chamados de *ventríloquos* e assim os chama em língua jônica Hipócrates, liv. 5, *Epid.*, como se falassem pelo ventre. Sófocles os chama *Sternomantes*. Isto é, adivinhadores, encantadores, e abusadores do povo simples, parecendo, não da boca, mas do ventre falar e responder aos que os interrogavam. [...]. Os Gastrolatas, por outro lado, se amontoavam em tropas ou bandos, alegres, graciosos, aconchegantes alguns, outros tristes, graves, severos, relutantes, todos ociosos, nada fazendo, de nenhuma maneira trabalhando, peso e carga inútil da terra, como diz Hesíodo, temendo (segundo se pode julgar) o ventre ofender e emagrecer. De resto, mascarados, disfarçados e vestidos tão estranhamente que valia a pena ver.

RABELAIS, F. *O quarto livro dos fatos e ditos heroicos do bom Pantagruel*. Trad., intr., notas e comentários Élide Valarini Oliver; ilustração Gustave Doré. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Campinas, SP: Editora Unicamp, 2015.

Na tentativa de consultar um oráculo para saber se Panurgo, amigo de Pantagruel, deveria se casar, no quarto livro do romance *A vida de Gangântua e de Pantagruel*, de F. Rabelais, Pantagruel, jovem gigante, e o seu grupo chegam a uma ilha onde governa um tal de Gaster, ou seja, o “Ventre” (subentendendo aqui o pecado da gula); ali, os Gastrolatas e os Engastrimitas são servos que se dedicam precisamente à cura de Gaster. Alegórica narração que leva a crer também numa forte e risível provocação contra a Igreja Católica<sup>4</sup>.

Como lembra Rabelais, no seu francês antigo, na verdade: ... *Les Engastrimythes soy disoient estre descenduz de l'antique race des Eurycles...*, referindo-se a Euricles, que na antiga Grécia foi um adivinho, especialista em gastromancia, ou seja, a habilidade de prever o futuro através de previsões que eram expressas fazendo uso de uma “voz interior”, através da qual se

<sup>4</sup> KRAUSE, 1999, pp. 47-60.

expressaria um “demônio” hospedado no corpo do vaticinador. A fama que ele teve, em verdade, deu azo em pouco tempo a possibilidades de lucro, uma espécie de “escola”, com seguidores reais chamados Engastrimitas ou Euricles.

Na antiguidade clássica o seu nome seria, pois, mencionado por diversos autores como lembra ainda Rabelais<sup>5</sup>, na sequência da narração sobre a ilha de Gaster.

Na verdade, o nome “Euricles” teria sido suplantado por “pítones<sup>6</sup>”, que derivaria da Píton délfica (uma serpente com habilidades proféticas); a referência que se encontra nos Atos dos Apóstolos (XVI, 16), portanto, concerniria melhor a um genérico “espírito de profecia”: “*Certo dia, quando íamos à oração, eis que veio ao nosso encontro uma moça escrava que tinha o espírito de Píton, a qual com as suas adivinhações dava muito lucro a seus senhores...?*”<sup>7</sup>.

E por esta maneira genérica de “espírito profético” deveria ser entendido o termo *engastrimuthos* também na tradução grega da Septuaginta. Como mostraria, por exemplo, a passagem relativa à consulta da “bruxa de Endor” por parte do Rei Saul (Reis 1, 28, 7-14), que

<sup>5</sup> Por ex., Pl., *Sof.*, XXXVII: Assim como em cada circunstância são obrigados a usar as palavras “ser”, “a parte”, “dos outros”, “por si mesmo” e inúmeras outras expressões, e sendo incapazes de excluí-las ou ligá-las internamente em seus raciocínios, decerto não sentem necessidade de outros que lhes contradigam, mas possuem, em sua casa, o adversário e o contestador, que grita interiormente, e passeiam levando-o consigo, sempre ao redor como o extravagante Euricles. Arist. *Vesp.*, vv. 1017-1022: Χορός 1015 νῦν αὖτε λεῶ προσέχετε τὸν νοῦν, εἴπερ καθαρὸν τι φιλεῖτε. / μέμψασθαι γὰρ τοῖσι θεαταῖς ὁ ποιητῆς νῦν ἐπιθυμεῖ. / ἀδικεῖσθαι γάρ φησιν πρότερος πόλλ’ αὐτοῦς εἶ πεποιηκώς, / τὰ μὲν οὐ φανερώς ἀλλ’ ἐπικουρῶν κρύβδην ἑτέροισι ποιηταῖς, / μιμησάμενος τὴν Εὐρυκλέους μαντείαν καὶ διάνοιαν, / 1020 εἰς ἀλλοτρίας γαστέρας ἐνδὺς κωμωδικὰ πολλὰ χέασθαι: / μετὰ τοῦτο δὲ καὶ φανερώς ἤδη κινδυνεύων καθ’ ἑαυτόν, / οὐκ ἀλλοτρίων ἀλλ’ οἰκείων Μουσῶν στόμαθ’ ἠνιοχήσας. Chefé do coro: Agora prestai atenção, se vocês gostam de falar francamente. O poeta deve tem uma admoestação a fazer a seu público. Diz que vocês maltrataram injustamente aquele que no passado lhes fez tanto bem: a princípio, não abertamente, mas ajudando secretamente outros poetas. Como o profeta Euricles, se insinuou no ventre de outros e ali versou um mar de espírito. Depois, ao contrário, saiu abertamente e, enfrentando os riscos pessoalmente, teve coragem de guiar a própria Musa, não mais aquela alheia etc... (Cf. *supra*; in gen. Vd. BRACCINI, 2013/2014, pp. 21-33).

<sup>6</sup> Cf. por ex., Plut., *De defectu oraculorum*, 414E; Atos dos apóstolos, XVI, 16, etc... Cf. também BRACCINI, *op. cit.*, pp. 24-25.

<sup>7</sup> Em todas as passagens bíblicas será utilizada a edição *Bíblia sagrada*. Trad. dos Monges de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ed. Ave-Maria, 1997.

tinha urgência para entrar em contato com o falecido Samuel: “... *Saul disse a seus servos: procurem para mim uma engastrimuthos, irei até ela e a interrogarei...*”.

Isso, no entanto, especialmente por causa da consideração sobre a tradução da Septuaginta, levou a uma “especialização” da palavra, antes usada de maneira mais genérica, e que acabou, então, por se manter fortemente ligada ao aspecto necromântico:

O ventríloquo era essencialmente quem trazia dentro de si mesmo outro falante sobrenatural, cuja voz saía do interior do hóspede humano. Substancialmente o *engastrimuthos* é um “possuído” em sentido literal: traz em si, no próprio ventre, uma entidade inteligente que se comunica com o exterior; isto explica porque acaba por se ligar tão desenvoltamente com os “possuídos” de todo tipo: magos, necromantes, pitonisas. Trata-se, em suma, de uma ideia de possessão expressa em termos muito realísticos e físicos, que, ademais, era difundida e que, em âmbito cristão, é expressamente atestada pela Pítia, sobre as quais circulava uma famigerada interpretação relatada por Orígenes e por João Crisóstomo” (BRACCINI, *op. cit.*, p. 29).

Em âmbito latino, em parte provavelmente condicionado pela tradição oriental, já no século II d.C., o apologista cristão Tertuliano lança dúvidas sobre a sua retidão<sup>8</sup>.

Um século depois Santo Agostinho de Hipona propunha, por sua vez, que esses “encantadores” culpados fossem apedrejados: Aug., *Quaestiones in Heptateuchum*, III, 77: *Et vir aut mulier, si forte fuerit illi ventriloquus, aut incantator, morte moriantur ambo: lapidibus lapidibitis eos; rei sunt. Utrum vir et mulier, an vir et ventriloquus, aut mulier et ventriloquus sive incantator*<sup>9</sup>.

São Jerônimo, teólogo romano, também Pai e Doutor da Igreja, adverte: *Quaerite ventriloquos... quaerite daemonia... (Procurem os ventríloquos... procurem os “demônios”:* com um

---

<sup>8</sup> Tert., *Adversus Marcionem*, IV, 25: ... *Et rursus (Is., XLIV, 20): Quis alius disiiciet signa ventriloquorum, et divinationes ex corde; avertens in posteriora sapientes, et cogitationes eorum infatuans?* Tert., *Adversus Praxeam*, IV, 19: *Atque adeo statim de Filio loquitur: Quis alius deiecit signa ventriloquorum, et divinationes a corde, avertens sapientes retrorsum, et consilium eorum infatuans?*

<sup>9</sup> Cf. também: Aug., *Contra Faustum*, XXII, 65; I Reg. XIV, 24-45; Id. XXVIII, 3; II Reg. XII, 1-14. Cassiodoro já comenta a conhecida passagem do Deuteronomio XVIII: Cass., *Inst.*, II, 7.

sentido, para este último termo, de maior alcance e de certa forma “mais variado” em relação à principal conotação negativa, ainda que em parte especializada também na ideia moderna de “demônio”; tanto que, em seguida, se lembra, por exemplo: *Mortui enim sunt daemones privati vera vita*<sup>10</sup>):

*Quaerite ventriloquos et eos qui de terra clamant, qui inania loquuntur, qui de ventre clamant, veluti quaerite daemonia: ab una enim specie daemonis ventriloqui τροπικῶς omnia daemonia nuncupavit. Si dixerint vobis, quaerite ventriloquos, hoc est, quaerite a daemonibus, sive divinationem, sive veritatem, sive sacratam contemplationem, respondete eis quae dico: Quae sunt, quae eos docet? In sequentibus dicit. Et sunt quidam, qui mittunt vos, magis autem catechumenos, quantum in ipsis est ad ventriloquos. Qui enim volunt vos ire ad idola, de quibus scriptum est: Et omnes dii gentium daemonia, volunt vos ire non solum ad ventriloquos, sed ad omnem speciem daemonum*<sup>11</sup>.

No capítulo 3, lembrando a conhecida “promessa de água viva” do capítulo VII do Evangelho de São João, se reforça que a fonte da vida eterna jorra apenas do “ventre” do Senhor:

*... Si quis, ait, credit in me, flumina de ventre eius fluent, fons aquae salientis in vitam aeternam (Ioan. VII<sup>12</sup>). Dicat itaque aliquis de his, qui proponunt si Salvator repromittit hunc esse de ventre fontem aquae salientis in vitam aeternam, de iusto egreditur, et iustus de ventre clamat. Siquidem fons aquae, quem Deus repromittit, in ventre eius est.*

<sup>10</sup>Cf. *infra*.

<sup>11</sup> Jer., *Translatio homiliarum in visiones Isaiae Origenis Adamantii*, Homilia septima. De eo quod scriptum est: Ecce ego et pueri, VIII, 2.

<sup>12</sup> A conhecida “promessa de água viva”; João VII, 37-39: [37] No último dia, que é o principal dia de festa, estava Jesus de pé e clamava: “Se alguém tiver sede, venha a mim e beba. [38] Quem crê em mim, como diz a Escritura: *Do seu interior manarão rios de água viva*” (Zac. 14, 8; Is. 58, 11) (ἐκ τῆς κοιλίας). [39] Dizia isso, referindo-se ao Espírito que haviam de receber os que cressem nele, pois ainda não fora dado o Espírito, visto que Jesus ainda não tinha sido glorificado. 37 Ἐν δὲ ἡ ἐσχάτῃ ἡμέρᾳ τῆ μεγάλης τῆς ἑορτῆς εἰσπήκει ὁ Ἰησοῦς, καὶ ἔκραξεν λέγων· Ἐάν τις διψᾷ ἐρχέσθω πρὸς με καὶ πινέτω. 38 ὁ πιστεύων εἰς ἐμέ, καθὼς εἶπεν ἡ γραφή, ποταμοὶ ἐκ τῆς κοιλίας αὐτοῦ· ρεύσουσιν ὕδατος ζῶντος. 39 τοῦτο δὲ εἶπεν περὶ τοῦ πνεύματος οὗ ἔμελλον λαμβάνειν οἱ πιστεύσαντες εἰς αὐτόν· οὐπω γὰρ ἦν πνεῦμα, ὅτι Ἰησοῦς οὐδέπω ἔδοξάσθη.

Referindo-se depois (no capítulo seguinte) àqueles que continuam a acreditar em tais mentiras produzidas por estes “hereges” à maneira de falsários, lembra que a única “lei” a ser observada é a “palavra” divina: *Non sequaris idola: iuxta legem facientes non attendatis ventriloquis...*<sup>13</sup>.

O autor, por isso (ainda segundo os fragmentados títulos sobre o Levítico, que nos restam), apresentaria uma posição que parece similar àquela agostiniana: Hieron, *Capitula libri levitici, id est vaieca*: LIII. *Ventriloquos et incantatores non audiendos*; LVIII. *Quicumque secutus fuerit ventriloquos aut praecantatores, pereat de populo*; LXIX. *Ventriloquum et incantatorem lapidandos*<sup>14</sup>.

Na esteira da versão de Jerônimo, muitos escritos medievais dos séculos VIII-IX recuperam tudo, incluindo os conceitos supracitados<sup>15</sup>, até chegar à conclusão “incontestável” de que: *Idem sunt et pythones, qui ventriloqui appellantur, eo quod in ventre habeant diabolium*<sup>16</sup>.

---

<sup>13</sup> O vos, quibus persuaderi non potuit, ut quaereretis ista de ventriloquis, et de terra clamantibus, vanis sermonibus sermonem veritatis et legem, suscipientes eam in adiutorium Legis vestrae, attendite: in lege vestra scribitur: Non sequaris idola: iuxta legem facientes non attendatis ventriloquis, neque his, qui de terra clamant. Legem enim in adiutorium dedit, ut dicant, non est sicut verbum istud, pro quo non est munera dare (Isai., VI, 10). Qui enim assumpsit Legem, et novit, quia Lex in adiutorium est, et praecipue spiritalis, quae interdicit a ventriloquis et auguriis quaerere: hic cum intellexerit Legem, debet admirans eam dicere, nullum verbum ita mundum apud Graecos et Barbaros, quale est verbum Legis. Ab omni enim verbo, ab universa doctrina veritatem pollicente differt Lex, quae a Deo nobis data est. Legem enim in adiutorium dedit, ut dicant, non sicut verbum istud. Hieron, *Translatio homiliarum in visiones Isaiae Origenis Adamantii*, Homilia septima. De eo quod scriptum est: Ecce ego et pueri, VIII, 4.

<sup>14</sup> Cf. também: Jer., *Commentaria in Isaiam*, III, 19. De quem no séc. IX d.C. se encontra também uma retomada: Haymo Halberstatensis, *Commentaria in Isaiam*, II, 7.

<sup>15</sup> Incertus, *De XLII mansionibus*, XXXVII a Mansio; dal IX d. C.: Rabanus Maurus, *Enarrationes in librum Numerorum*, III, VII; Rabanus Maurus, *Expositiones in Leviticum*, VI, IX; Rabanus Maurus, *Expositiones in Leviticum*, VI, XI.

<sup>16</sup> Haymo Halberstatensis, *Commentaria in Isaiam*, II, 29: *Idem sunt et pythones, qui ventriloqui appellantur, eo quod in ventre habeant diabolium*; Haymo Halberstatensis, *Commentaria in Isaiam*, II, 44: *Divini iidem sunt qui et pythones, id est ventriloqui, habentes spiritum malignum in ventre, et loquuntur multa signa et portenta*. Ainda no séc. IX d.C., Anastasius bibliothecarius, *Interpretatio Synodi VII generalis*, Actio VIII, 22; Hincmarus Remensis, *De divortio Lotharii Regis et Theutbergae Reginae*, IV, I, 15: ... *Augures sunt, qui volatus avium et voces attendunt, quorum unum genus ad oculos, id est volatus avium, alterum ad aures, id est vox avium, pertinet. Sunt et phitonissae, quae et ventriloquae. Sunt et astrologi eo, quod in astris augurientur...*

Esta ideia, condicionada sobretudo por séculos de disputas *contra pagãos*, onde, na ausência daquela pluralidade divina, conjuntamente com o monoteísmo, se produziu também uma dicotomia (entre o bem e o mal), sucessivamente mediada, por exemplo, pelo conceito de purgatório (para “salvar” as almas através da expiação) e onde, dado o bem, o mal se consolidou unificando-se à figura do *diabolum* (Διάβολος, aquele que divide), muito diferente do precedente e mais genericamente neutro *daemonia* (de δαίμων, ou seja, admirável ou surpreendente).

Junto a este “extremismo”, ditado por uma precedente especialização do termo e provavelmente condicionado por uma “simplificação” do conceito em si, mas não indicativo de uma superficialidade da questão, senão uma restrição pejorativa e determinável do termo, encontramos no final do século VIII um capitular promulgado pelo rei francês Carlos, geralmente conhecido pelo nome de *Caroli Magni Capitulare de imaginibus* ou *Opus Caroli regis contra synodum* ou simplesmente *Libri Carolini*<sup>17</sup>.

Este texto (atribuído a Teodulfo, depois bispo de Orleans) teve, contudo, na época carolíngia, uma difusão muito restrita e foi concebido para apresentar a “postura” oficial do

---

<sup>17</sup> O *Codex Vaticanus Latinus 7207* (conservado na Biblioteca Apostólica Vaticana: BAV) é o mais antigo manuscrito dos *Libri Carolini* supérstite. No entanto, faltam o prefácio, a parte inicial do livro III e todo o IV e último livro. Freedman demonstrou como tal códice foi o “manuscrito de trabalho” de Teodulfo, em seguida trabalhado por três diferentes mãos, que apresentaram ainda numerosas correções, sobretudo no segundo livro; Schmandt contava 3400 delas (Vd. *infra*). Veja-se também SCHMANDT, 1966; FREEMAN, 1971, pp. 597-612; MITALAITÉ, 2007, pp. 455-468. Cf. Também BRUNET, 2011, pp. 201-231.

soberano sobre a questão do culto a ser conferido às imagens sacras (iconoclastia) documentando, assim, o antagonismo entre o ocidente latino e o credo de Bizâncio<sup>18</sup>.

A extensão (quatro livros) e os conteúdos variados (principalmente de natureza religiosa, mas também políticos e culturais) o diferenciam não pouco de um texto de natureza legislativa. Cada argumentação é, de fato, metodologicamente sustentada por algumas pretensas “demonstrações racionais”, com numerosas referências também ao pensamento e às obras dos maiores filósofos cristãos do passado, sem esquecer as reflexões sobre os ditames das artes liberais, que, assim, fazem dele mais que um composto tratado teológico<sup>19</sup>.

A seguir, focando na questão sobre a qual me interessa fazer um breve esboço neste artigo, fornecemos a passagem relativa à questão dos “faladores do ventre”, com relativa tradução (posto que parece que até hoje este tão importante ato ainda não goze de traduções em línguas modernas<sup>20</sup>).

---

<sup>18</sup> “Segundo os *Livros Carolinos*, a imagem, não tendo nenhuma função litúrgica ou devocional, apresenta apenas um uso estético, de *ornamentum* dos lugares de culto; no máximo, pode instar no fiel a memória das obras de Cristo e dos santos, mas permanece sempre como simulacro do aspecto exterior de um objeto, dos traços físicos de um homem, a que o agostinianismo de Teodulfo não reconhecia nenhum significado no plano da fé e do culto ‘em espírito e verdade’. Nesse contexto teológico de clara contraposição entre espírito e matéria, a privação, quase direi a irritação, que Teodulfo experimenta com relação ao *argumentum* das imagens milagrosas, em sentido tanto ativo, imagens que fazem milagres, quanto passivo, imagens que aparecem em circunstâncias milagrosas, é palpável...” (Brunet, 2011, p. 214).

<sup>19</sup> Sobre o tema principal, segundo os *Livros Carolinos*, as imagens podem, então, ser utilizadas como ornamentos eclesiásticos, com fins instrutivos e em memória de acontecimentos passados; não parece sensato, por isso, espargir incenso, nem bani-las das igrejas ou destruí-las. Para o contexto histórico ver NOBLE, 2009, em especial pp. 158-207.

<sup>20</sup> A *editio princeps* dos *Livros Carolinos* é a de DU TILLET, 1549. Cf. também SPECK, 1998; WALLACH, 1977; SCHMANDT, 1966; HAENDLER, 1950; FREEMAN; MEYVAERT, 1998; DAVIS-WEYER, 1986, pp. 100-103; OMMUNDSEN, 2002, pp.175-200.

De Imaginibus, IV, caput XVII. Ridiculosissimum dictum Epiphanií reprehenditur, in eo quod ait: *Ex proprio ventre locutus*<sup>21</sup>.

Sobre as imagens, IV, cap. XVII. Critica-se a ridículíssima expressão de Epifânio<sup>22</sup> (Diácono), pelo fato de ter dito: “Tendo falado do próprio ventre”.

<sup>21</sup> A passagem dos *Livros Carolinos* faz referência à expressão ἐκ τῆς ἰδίας κοιλίας φθεγγόμενοι (Mansi XIII, 273) ~ *ex proprio ventre pronuntiantes* (Mansi XIII, 273) empregada nas *Acta Conc. Nicaeni II in actione VI*. DI DOMENICO; VALENZIANO, 2004, p. 28: “A mesma seção, ocorrida a 6 de outubro, foi inteiramente dedicada à refutação das decisões tomadas pelo Concílio de Hieria. Como se disse, este é o único documento conservado com relação ao que se disse naquela assembleia. Gregório de Neocesareia lia o decreto iconoclasta com trechos distintos, a que seguia uma detalhada refutação lida pelo diácono Epifânio, da igreja da Catânia, ligado a Tomás, arcebispo da Sardenha. O Concílio de Hieria apelou, para sustentar suas posição iconoclasta, a Epifânio de Salamina (cf. Mansi XIII, 293), a Ibas de Edessa (cf. Mansi XIII, 296), a Anfilóquio de Icônio (cf. Mansi XIII, 301) e a Teódoto de Ancira (cf. Mansi XIII, 309). O segundo Concílio de Niceia demonstra tanto a não autenticidade de alguns escritos atribuídos a estes autores, quanto a inexistência, em suas obras, de afirmações contra as imagens. Por Eusébio de Cesareia são condenadas as posições filo-arianas; em apoio à ortodoxia se referem os trechos tirados da carta de Atanásio a Eupsíquio e a dois escritos de Cirilo de Alexandria; a carta a Sucenso de Diocesareia e o discurso contra os sinusiastas (Mansi XIII, 316–321)”. Na seção Mansi XIII, 271–272, a *refutatio* introduz com estas palavras um novo trecho do decreto iconoclasta, lido logo depois, em dois *tranches*, por Gregório: βουλόμενοι δὲ καὶ ἕτερα ζιζανιώδη φυτουργῆσαι σπέρματα, ὡς ἐκ πνευματος πυθωνικοῦ καὶ ἔτι φθέγγονται (Mansi XIII, 272) ~ ... *ceterum volentes et alia zizaniis inmixta plantare semina quasi ex spiritu pythonico etiam adhuc effantur* (Mansi XIII, 271). O trecho em questão se repropõe a rejeitar uma objeção movida contra os iconoclastas: admitindo-se que seja correto não representar Cristo em virtude de sua própria natureza, divina, além de humana, não há motivos para não representar Nossa Senhora, os profetas, os apóstolos e os mártires, cuja natureza é exclusivamente humana. Esta escarna a argumentação defensiva fornecida pelo decreto: ...τοῦ πρώτου [scil. Cristo] ἀνατραπέντος οὐδ’αὐτῶν ἐστὶ χρεία (Mansi XIII, 272) ~ *oportet ... dicere quod primo destructo nec his sit opus* (Mansi XIII, 273). A *refutatio* lida por Epifânio continua refutando a tese iconoclasta, principiando como segue: οὔτε πρώτον εὐαγγελικῶς ἢ ἀποστολικῶς ἢ γραφικῶς ἢ πατρικῶς ἢ ἀποδεικτικῶς <ἢ> ἀπλῶς εἰπεῖν εὐσεβῶς ἀνατροπὴν πεποιήκασιν, ἀλλ’ ἐκ τῆς ἰδίας κοιλίας φθεγγόμενοι τῇ καθολικῇ ἐκκλησίᾳ ἀντετάχθησαν (Mansi XIII, 272) ~ *neque primum evangelice aut apostolice, aut scripturaliter, aut paterne, aut argumentose aut absolute dicamus, [aut] pie destructionem fecerunt, sed ex proprio ventre pronuntiantes catholicae Dei ecclesiae restiterunt* (Mansi XIII, 271). Cf. também LAMBERZ, 2016, p. 683, vv. 20–23. A expressão ἐκ τῆς ἰδίας κοιλίας φθεγγόμενοι (Mansi XIII, 273) ~ *ex proprio ventre pronuntiantes* (Mansi XIII, 273) é ironicamente empregada aqui (cf. SAHAS, 1986, p. 75, n. 45 e p. 100, n. 8; FREEMAN, 1998, p. 530) para salientar como a postura dos iconoclastas com relação às imagens dos santos não tem um fundamento doutrinal. A provável chamada ao precedente ὡς ἐκ πνεύματος πυθωνικοῦ ~ *quasi ex spiritu pythonico* contribui para qualificar, em sentido demoníaco, as argumentações dos adversários. A refutação que os *Livros Carolinos* dedicam à expressão usada por Epifânio não alcança – talvez de propósito – o caráter irônico e parece, em todo caso, mais instrumental [A. E. Z. N.].

<sup>22</sup> Epifânio, Diácono da Igreja de Catânia (720 – por volta de 800 d.C.), foi nomeado representante do Arcebispo Tomás da Sardenha e enviado como seu legado ao segundo Concílio de Niceia no ano de 787. Aqui, os Padres conciliares, reunidos na sétima sessão a 13 de outubro de 787, promulgaram concordantemente o decreto dogmático contra as teses iconoclastas. No fim do Concílio, depois, a 27 de outubro de 787, Epifânio pronunciou ainda o conhecido *Sermo laudatorius*, ou seja, uma oração de encerramento anti-iconoclasta para celebrar o triunfo da Igreja e o empenho efusivos da Imperatriz Irene e do Patriarca Tarásio.

*Quod in eadem synodo scribitur eo quod praefatus Epiphanius de quodam dixit, Ex proprio ventre locutus, quanquam rebus ad fidem pertinentibus nullum afferat praeiudicium, et huic negotio de quo sermo est nec quidquam vel irroget vel deroget, ideo tamen a nobis non est praetermissum, quoniam indoctum quid sonat et insulsum, et quia nec debent nec possunt a tali scriptura novae quaelibet constitutiones Ecclesiae prorogari, quae tot modis potest reprehendi. Omne enim quod irreprehensibile est, hoc recipit sancta catholica Ecclesia; quod autem in pluribus reprehenditur, hoc ab ecclesiastico dogmate abdicatur. Nec debet illius lectionis quae reprehensionibus et talibus nugis est plena, de adorandis imaginibus observari censura. Dixerunt nempe quemdam ex proprio ventre locutum. Quod dictum non solum a doctis verum etiam ab indoctis auribus respuitur, et veluti anile quoddam deliramentum abnuitur. Ex corde enim ea, quae mens concepit lingua interprete producuntur; ex ventre ea administrantur quae in secessum missa egeruntur: et sicut non potest cor, quod plerumque et in divinis litteris, et in consuetudine loquentium pro mente sive sensu ponitur, escas conficere, humorum collectiones habere, ita non potest venter cogitationes concipere, easque per verba producere. Habent ergo singula membra officia sua, ut quinque sensus quinque membrorum partibus distributi sint, excepto tactu, qui quamvis in manibus sedem habere putetur, per caetera membra diffusus est.*

O que está escrito, no mesmo sínodo<sup>23</sup>, em que o supracitado Epifânio disse sobre alguém *Ex proprio ventre locutus* ["tendo falado do próprio ventre"], embora não tenha ocasionado nenhum problema em questões relativas à fé, e não imponha nem tire nada daquela causa da qual é assunto, por essa razão não foi por mim omitido: pois que celebra algo insipiente e estúpido, e porque quaisquer novas disposições da Igreja não devem nem podem ser conservadas por semelhante escrita, que, em muitos aspectos, pode ser criticada. A Santa Igreja Católica, de fato, tolera aquilo tudo que é irrepreensível; mas, aquilo que é criticado em vários pontos, é rejeitado pelo dogma eclesiástico. E não deve ser considerada a censura sobre a adoração de imagens, que está repleta de tais críticas e mentiras sobre aquele texto. Disseram, pois, que alguém falou do ventre. Rejeitou-se o que foi dito não só por ouvidos sábios, mas também por aqueles ignorantes, e se recusou como se (se tratasse de) certo delírio senil. De fato, no coração, sendo medianeira a língua, são produzidas as coisas que a mente concebe; no ventre são geridas as coisas que são descartadas e rejeitadas<sup>24</sup>. E como não pode o coração – que na maioria das vezes tanto na literatura sacra quanto no costume dos falantes é empregado no lugar de mente ou de pensamento – consumir os alimentos ou recolher os sucos (gástricos), assim não pode o ventre conceber pensamentos e revelá-los por palavras. Cada membro, portanto, tem sua função, de modo que os cinco sentidos<sup>25</sup> são distribuídos por cinco partes dos membros, excetuando-se o tato, que, embora se julgue tenha sede nas mãos, se dispersa pelos restantes membros.

<sup>23</sup> Nós nos referimos exatamente ao segundo Concílio de Niceia (VII Concílio ecumênico), convocado em 787, a pedido do Papa Adriano I, pela imperatriz do Oriente Irene de Atenas, para deliberar sobre o culto das imagens (*iconodulia*). Sucessivamente, Carlos Magno, que se declarou contrário às decisões de Niceia, convocou um sínodo em Frankfurt em 794, no qual pediu também a excomunhão da própria imperatriz Irene. Entretanto, o Papa Adriano I retificou em seguida as decisões do Concílio. Depois de anos de lutas intestinas, aceitações e anulações, somente sob o imperador Miguel III e a mãe Teodora, com a convocação de um sínodo em Constantinopla em 843, se eliminou para sempre a iconoclastia, chegando a um epílogo resolutivo do conflito.

<sup>24</sup> Num primeiro processo, do coração são assim geradas as palavras que a mente formula por meio da mediação da língua; do ventre são (re)organizadas todas aquelas “substâncias” que o corpo assume por meio de comidas e que, terminado o processo, se apresentam como fezes.

<sup>25</sup> Cf. também Isid. *Etym.* XI, 18.

*Et secundum philosophorum experientiam in corde est timor, in splene laetitia, in iecore voluptas, in tribus ventriculis cerebri, in anteriore qui est ad faciem, sensus, in eo qui posterior ad cervicem est, motus, in eo vero qui inter utrumque est, memoria vigere demonstratur, in pulmonibus anhelandi, voces modificandi, spiritum ducendi officium habetur: ventrem autem, quem maris constat habere figuram, escarum tantum confectionibus humorumque collectionibus manifestum est inservire. Nam si forte huiusce dicti errorem his velint adminiculis fulcire, quod plerumque ventris mentio in sacris litteris reperitur, ut est illud, Venter meus conturbatus est (Thren. I, Hab. III, Ier. IV), sive, Ventrem meum doleo (Eccli. XXXVII), et caetera huiusmodi, advertant nunquam huius membri vocabulum pro locutione, sed pro aliis atque aliis rebus quae per ventrem significantur, tropice positum, de quibus nunc disputare longum est. Illud enim, sicubi dictum est, tropologicum est, istud vero acyrologicum; per illud obumbratur allegorice veritas, per istud mutilatur sensus puritas; illud nitet mysteriis, istud squallet ineptiis. Caeterum si de Pythonibus dicere voluerunt, quos septuaginta ventriiloquos transtulerunt, de quibus in Deuteronomio legitur:*

E, segundo a prática dos filósofos, no coração se encontra o medo; no baço, a felicidade; no fígado, o prazer; nos três ventrículos do cérebro, no anterior, voltado para o rosto, se encontra o pensamento; no posterior, que está voltado para a nuca, o movimento; mas, naquele que está no meio dos dois, se demonstra residir a memória; nos pulmões se considera a função de respirar, modificar a voz e inspirar o ar. O ventre, por sua vez, que corresponde à figura do mar, declara-se estar a serviço apenas da trituração dos alimentos e da recolha de humores (sucos gástricos). Pois, se por acaso desejam sustentar o erro de tal expressão sobre estes apoios, porque na maioria das vezes se encontra nas sagradas escrituras menção ao ventre, como “meu ventre se perturbou” (Thren. I, Hab. III, Jer. IV), ou “dói-me o ventre” (Eccl. XXXVII), e outras expressões do mesmo tipo, nunca notam a palavra para expressar este membro, mas, no lugar de muitas outras coisas indicadas por meio do ventre, exposto de forma metafórica, e daquilo que seria demorado argumentar agora. De fato, onde quer que tenha sido dita, aquela expressão é figurada; essa, por sua vez, é acirológica (imprópria); por meio daquela a verdade se esconde alegoricamente e, por meio dessa, se diminui a exatidão dos sentidos; aquela resplandece de mistérios, essa se cobre de sandices. De resto, ouviu-se falar dos pítonos, que os Setenta traduziram como “ventríloquos” – sobre quem se lê no Deuterônômio:

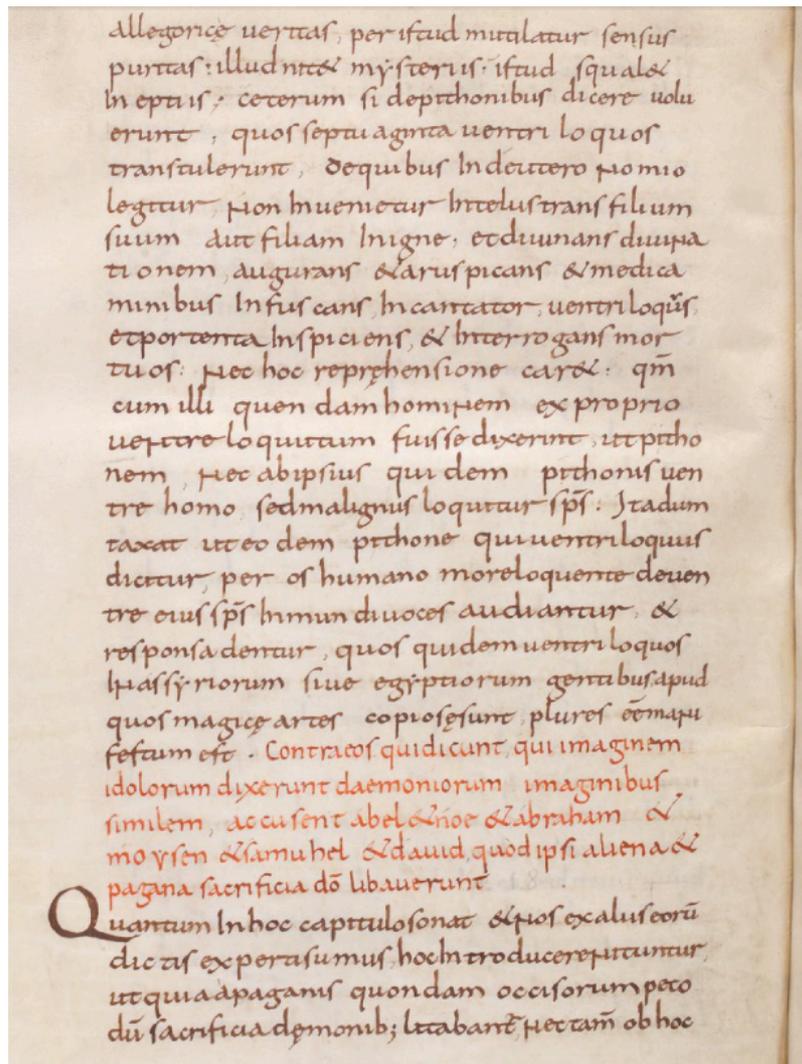
*Non inuenietur in te lustrans filium suum aut filiam in igne, et divinans divinationem, augurans et aruspicans et medicaminibus infuscans, incantator, ventriloquus, et portenta inspiciens, et interrogans mortuos (Deut. XVIII), nec hoc reprehensione caret, quoniam cum illi quemdam hominem ex proprio ventre locutum fuisse dixerint, ut Pythonem, nec ab ipsius quidem Pythonis ventre homo, sed malignus loquitur spiritus, ita dumtaxat ut eodem Pythone qui ventriloquus dicitur, per os humano more loquente de ventre eius spiritus immundi voces audiantur, et, responsa dentur, quos quidem ventriloquos in Assyriorum sive Aegyptiorum gentibus, apud quos magicæ artes copiosæ sunt, plures esse manifestum est.*

“Não se ache no meio daquele que imola, fazendo passar pelo fogo seu filho ou sua filha, nem quem se dê à adivinhação, aos presságios ou aos agouros ou ao uso de magia, ninguém que faça encantamentos, seja adivinho e consulte os espíritos, nem quem invoque os mortos” (Deut. XVIII)<sup>26</sup> –, nem isto está isento de críticas, porque, quando eles disseram que um homem tinha falado do próprio ventre, como um píton, e nem do ventre desse mesmo píton um homem fala, mas um espírito maligno, de modo que só isto sucede: quando um mesmo píton, a quem chamam ventríloquo, fala pela boca, como se fosse um humano falando, de seu ventre se ouvem vozes de um espírito maligno e são dadas respostas, e é evidente que os ventríloquos são numerosos junto aos povos assírios e egípcios, junto aos quais as artes mágicas proliferam<sup>27</sup>.

Trad. para o português de Ana Thereza B. Vieira

<sup>26</sup> Deut. XVIII, 9-14: Ος profetas: 9 ἐὰν δὲ εἰσέλθῃς εἰς τὴν γῆν ἣν κύριος ὁ θεός σου δίδωσίν σοι οὐ μαθήσῃ ποιεῖν κατὰ τὰ βδελύγματα τῶν ἐθνῶν ἐκείνων 10 οὐχ εὐρεθήσεται ἐν σοὶ περικαθαίρων τὸν υἱὸν αὐτοῦ ἢ τὴν θυγατέρα αὐτοῦ ἐν πυρὶ μαντευόμενος μαντείαν κληδονιζόμενος καὶ οἰωνιζόμενος φαρμακός 11 ἐπαείδων ἐπαιδιῶν ἐγγαστρίμιθος καὶ τερατοσκόπος ἐπερωτῶν τοὺς νεκρούς 12 ἔστιν γὰρ βδέλυγμα κυρίῳ τῷ θεῷ σου πᾶς ποιῶν ταῦτα ἕνεκεν γὰρ τῶν βδελυγμάτων τούτων κύριος ἐξολεθρεύσει αὐτοὺς ἀπὸ σοῦ 13 τέλειος ἔσῃ ἐναντίον κυρίου τοῦ θεοῦ σου 14 τὰ γὰρ ἔθνη ταῦτα οὐς σὺ κατακληρονομεῖς αὐτούς οὗτοι κληδόνων καὶ μαντειῶν ἀκούσονται σοὶ δὲ οὐχ οὕτως ἔδωκεν κύριος ὁ θεός σου. [9] Quando tiveres entrado na terra que o Senhor, teu Deus, te dá, não te porás a imitar as práticas abomináveis da gente daquela terra. [10] Não se ache no meio de ti quem faça passar pelo fogo seu filho ou sua filha, nem quem se dê à adivinhação, à astrologia, aos agouros, ao feiticismo, [11] à magia, ao espiritismo, à adivinhação ou à invocação dos mortos, [12] porque o Senhor, teu Deus, abomina aqueles que se dão a essas práticas, e é por causa dessas abominações que o Senhor, teu Deus, expulsa diante de ti essas nações. [13] Serás inteiramente do Senhor, teu Deus. [14] As nações que vais despojar ouvem os agoureiros e os adivinhos; a ti, porém, o Senhor, teu Deus, não o permite.

<sup>27</sup> Agradeço aqui ao Doutor Andrea Emilianian Zauli Naldi, PhD em Fil. pela Universidade de Messina, que proveu à leitura dos rascunhos, colaborando incisivamente com a interpretação e tradução da não tão simples passagem em questão.



*Livros Carolinos de Reims (séc. IX d.C.)*

BnF, Arsenal ms. 663 (Fol. 219v)<sup>28</sup>.

No texto, como se procurou evidenciar na tradução, recuperando discussões do segundo sínodo de Niceia, se critica abertamente (assim como nos dois capítulos precedentes) o Diácono Epifânio por ter dito: *ex proprio ventre locutus*.

<sup>28</sup> O célebre manuscrito dos *Livros Carolinos*, chamado “de Reims” (séc. IX d.C.) está conservado em Paris, na Bibliothèqne de l’Arsenal de la Bibliothèqne Nationale de France (BnF). Escrito em pergaminho, consta de 244 f. de 295 x 205 mm. A escrita está em minúscula carolínea redonda, em linhas longas, enquanto que a inicial e os títulos estão em prata fundida e vermelha. Esse, do qual deriva a reconstrução do conjunto da obra, foi preparado a pedido de Incmaro de Reims ao longo da segunda metade do século IX d.C.

*Disseram, pois, que alguém falou do ventre. Repetiu-se o que foi dito não só por ouvidos sábios, mas também por aqueles ignorantes, e se recusou como se (se tratasse de) certo delírio senil. De fato, no coração, sendo medianeira a língua, são produzidas as coisas que a mente concebe; no ventre são geridas as coisas que são descartadas e rejeitadas.*

A clara distinção entre estes dois órgãos é majoritariamente posta em relevo, detendo-se um pouco sobre suas funções: ... *E como não pode o coração – que na maioria das vezes tanto na literatura sacra quanto no costume dos falantes é empregado no lugar de mente ou de pensamento – consumir os alimentos ou recolher os sucos (gástricos), assim não pode o ventre conceber pensamentos e revelá-los por palavras...*

A sucessiva enumeração distributiva entre sentidos e relativas sedes de partes do corpo (*sensus e membrorum partibus*) se consagra bem ao conteúdo e à pretensão geral da obra, muito em argumentação filosófica e metodológica, sustentada, como já se disse, por pretensas “demonstrações racionais” e não isentas de numerosas chamadas a reflexões passadas: ... *nos pulmões se considera a função de respirar, modificar a voz e inspirar o ar. O ventre, por sua vez, que corresponde à figura do mar (e que é, então, aqui associado a uma ideia de fluidez junto a uma alternância de momentos de maior tranquilidade ou calma, mas sempre ainda em um contexto de movimento corrosivo) declara-se estar a serviço apenas da trituração dos alimentos e da recolha de humores (sucos gástricos).*

O texto, por isso, chega à sua “intenção” de renegar, argumentando, uma precedente tese mantida, valendo-se de demonstrações de conjecturas, mas ainda confirmando certo senso comum, como prontamente lembrado.

Confirmando a inexatidão logo “rejeitada”, é relatada como o termo “ventre” frequentemente é empregado em sentido figurado também nas Sagradas Escrituras:

... De fato, onde quer que tenha sido dita, aquela expressão é figurada; essa, por sua vez, é acirológica (imprópria); por meio daquela a verdade se esconde alegoricamente e, por meio dessa, se diminui a exatidão dos sentidos; aquela resplandece de mistérios, essa se cobre de sandices.

Recordando, enfim, a passagem do Deut. XVIII (Cf. *supra*) e apontando nos “Pítones” ou “ventríloquos” um tipo de incidência do maligno, sustenta-se, por fim, como tais práticas deveriam, assim, estar associadas às artes mágicas (ou mistificadoras) de povos em certo sentido “antiquados” e “supersticiosos”; daí é “compreensível” que abundem ainda “ventríloquos”.

Contudo, cúmplice talvez da supracitada pouca difusão do escrito, nos séculos XI e XII, o termo (ou conceito) se encontra ainda como “amplificação” das teorizações precedentes: Humbertus Silvae Candidae, *Adversus Simoniacos*, III, 23: *Nihilominus ministri diaboli parasiti et ventriloqui, maximeque erronei clerici desinant maioribus vel minoribus suis placere, dum favent malis et detrahunt bonis*<sup>29</sup>. O teólogo Pietro Comestore, ainda comentando o Deut. VIII recorda: *Pythones, id est ventriloquos, qui per spiritum malignum loquuntur, a Pythone id est Appoline, sic dictos*<sup>30</sup>.

Entre os séculos XIII e XIV, em parte ainda através das atividades e da “mediação” do papel dos jograis<sup>31</sup> medievais, foi, então, se normalizando a figura do mago, que se assinala, sobretudo, através de *signa diaboli*, ou seja, traços físicos e características particulares (dentre as quais se encontram também ventríloquos, prestidigitadores e saltimbancos).

---

<sup>29</sup> Cf. também: Guibertus S. Mariae de Novigento, *Moralia in Genesin: liber quo ordine sermo fieri debeat*. (XI d.C.); Ioannes Saresberiensis, *Polycraticus*, VIII, 13. Simples explicação lógica se encontra em Anselmo (XII d.C.) Anselmus Laudunensis et schola eius *Glossa vel, Liber Deuteronomii*, XVIII, 11: *Ventriloquos, de quorum ventre daemones loquuntur, a Pythone sic dictos, id est Apolline, quem deum divinationis credebant esse*.

<sup>30</sup> Petrus Comestor. *Historia scholastica, Libri Deuteronomii*, VIII. De maleficis abiiciendis; Ioannes Saresberiensis, *Polycraticus*, VII, 21.

<sup>31</sup> Derivado do termo *joglar*, do provençal occitano, por sua vez derivado do latino *iocularis*.

Às portas do século XVI<sup>32</sup>, Erasmo de Roterdã, de fato, ainda lembra em seus *Adágios* (provérbios e expressões latinas, filologicamente comentados) da figura de Euricles, num contexto breve e conciso, mas em certo sentido “depurado” por algumas percepções precedentes:

Erasmo, *Adagia*, IV, I, 39. Eurycles:

Εὐρυκλῆς, *id est Eurycles, vulgato cognomine dicebatur qui de se suisque incommodis aliquid divinaret. Nam hoc nomine vates fuit quispiam ἑταστρίμυθος cognominatus, hinc, ni fallor, quod ex astris vera praediceret, παρὰ τὸ ἐτάζειν. Meminit et Suidas*<sup>33</sup>, *quamquam apud hunc ἐγγαστρίμυθος scriptum est, id est Divinus sive Ventriloquus. Refertur in Collectaneis Adagionum Plutarcho inscriptis. Usurpatur autem a Platone in Sophista. Taxans enim eos qui perplexis et absurdis rationibus produnt suam ineptiam, addit: Οὐκ ἄλλων δέονται τῶν ἐξελεγχόντων, ἀλλὰ τὸ λεγόμενον οἴκοθεν τὸν πολέμιον καὶ ἐναντιωσόμενον ἔχοντες, ἐντὸς ὑποφθεγγόμενον ὥσπερ τὸν ἄτοπον Εὐρυκλέα περιφέροντες ἀεὶ πορεύονται, id est: Non opus est aliis a quibus redarguantur, sed domi quod dici solet habent hostem qui contradicat et intus submurmurantem tamquam absurdum illum Euryclem circumferentes semper incedunt*<sup>34</sup>.

3039. Euricles. Pelo sobrenome popular se chamava aquele que adivinhava algo sobre si e sobre os seus. Em verdade, houve um vate com este nome, de sobrenome *etastrímythos*, se não me engano, porque predizia a verdade “perscrutando”, *etázein*, a partir dos astros. E Suda [ε 3721] lembra-se disso, embora ali esteja escrito *engastrímythos*, isto é “Profeta ou Ventriloquo”. É mencionado nas coletâneas dos Adágios, atribuídos a Plutarco. É recuperado, além disso, por Platão no *Sofista* [252c]. Taxando, pois, aqueles que com raciocínios tortuosos e absurdos manifestam sua sandice, acrescenta: Οὐκ ἄλλων δέονται τῶν ἐξελεγχόντων, ἀλλὰ τὸ λεγόμενον οἴκοθεν τὸν πολέμιον καὶ

<sup>32</sup> Mattia Flacio Illirico retoma novamente St. Agostinho: M. Flacius Illyricus, *Clavis scripturae sacrae pars secunda, aliae regulae intelligendi sacram scripturam, promiscue ex s. patribus collectae: Augustinus 22*, contra Faustum, cap. LXVI: Explicatio. *Neque enim, quia vituperabilis homo erat Saul, ideo non est laudabile factum eius, quod gustatum de anathemate tam diligenter scrutatus, tam severe vindicare conatus est, obediens Deo, qui hoc fieri prohibuerat: vel quod Pythones et ventriloquos de regno suo delevit.*

<sup>33</sup> Ἐγγαστρίμυθος: ἐγγαστρίμαντις: ὁ νῦν τινες Πύθωνα, Σοφοκλῆς δὲ στερνόμαντιν, Πλάτων ὁ φιλόσοφος Εὐρυκλέα ἀπὸ Εὐρυκλέους τοιοῦτου μάντεως. Ἀριστοφάνης Σφηξί: μιμησάμενος τὴν Εὐρυκλέους μαντείαν καὶ διάνοιαν. Φιλόχορος δ' ἐν γ περὶ μαντικῆς καὶ γυναικας ἐγγαστριμύθους. αὗται τὰς τῶν τεθνηκότων ψυχὰς ἐξεκαλοῦντο. Μιᾶ δὲ αὐτῶν ἐχρήσατο Σαούλ, ἥτις ἐξεκαλέσατο τὴν ψυχὴν Σαμουήλ τοῦ προφήτου. A. Adler. *Suda*. Teubner, 1928–1938. E 45.

<sup>34</sup> Vd. *supra*.

ἐναντιωσόμενον ἔχοντες, ἐντὸς ὑποφθεγγόμενον ὥσπερ τὸν ἄτοπον Εὐρυκλέα περιφέροντες αἰεὶ πορεύονται, isto é : “não necessitam de outros aos quais refutem, mas em casa têm aquilo a que costumam chamar de inimigo, que lhes contradiz, e, interiormente murmurando baixinho, andam sempre divulgando ao redor, como o ridículo Euricles<sup>35</sup>”.

Fato que ainda poderia pressagiar um tipo de sucessiva “reavaliação” talvez já tardo-humanística do termo “ventríloquo”<sup>36</sup>, decerto ainda distante da atribuição terminológica que atualmente se lhe atribui, mas que provavelmente começava a se configurar e divisar as primeiras tentativas “icônicas” e práticas mesmo após aquele período (quicá se já com o auxílio de objetos, marionetes ou bonecos) e que se consolidará apenas séculos mais tarde<sup>37</sup>.

## Bibliografia:

- BRACCINI, T. “*Peripherein ton daimona: la voce del ventriloquo*”, In: *Prestare la voce - I quaderni del ramo d'oro on-line*, VI, (2013/2014), pp. 21-33.
- BRUNET, E. “Le icone acheropite a Nicea II e nei Libri Carolini”, In: CASTAGNO, A. Monaci (a cura di). *Sacre impronte e oggetti «non fatti da mano d'uomo» nelle religioni. Atti del Convegno Internazionale di Torino*. 18-20 maggio 2010, Alessandria 2011, pp. 201-231.
- CHÉRON, P. (Éd.). *Les cinq livres de F. Rabelais (avec des variantes et un glossaire), ornés de 11 eaux-fortes par E. Boilvin*. Paris, Librairie des Bibliophiles, 1876.

---

<sup>35</sup> LELLI, 2013, p. 2203. Lembramos ainda dos *Glossogastores*: 3499. Ventrilínguas. Aqueles que têm a língua mercenária e falam apenas com vistas aos prazeres do ventre, são marcados pelas palmas dos cômicos e chamados “ventrilínguas”, um termo composto de forma irônica de “língua” e “ventre”. Será aplicado por advogados sem escrúpulos, por oradores que fazem discursos em troca de dinheiro para os cortesãos... LELLI, 2013, p. 2425 (Trad. do texto latino por Ana Thereza B. Vieira).

<sup>36</sup> Se bem que, como vimos, em pleno século XVI tais personagens (com referência ao passado e ao particular contexto da obra) eram tão definidos por Rabelais: os *engastrimuthoi* ... eram, em suma, adivinhos, encantadores e enganadores do povo ingênuo, os quais pareciam falar e responder àqueles que lhes interrogavam não pela boca, mas pelo ventre... Dodds afirma, justamente, que os *engastrimuthoi* antigos eram “possuídos” sem nenhuma comparação com os modernos ventríloquos. DODDS, 2009, pp. 116-117 (trad. italiana de: *The Greeks and the irrational*. Los Angeles, 1951).

<sup>37</sup> Cf. também DE LA CHAPELLE, 1772; COCKTON, 1840; HODGSON, 1999; CONNOR, 2000; HAYES, 2011; DAVIES, 2012; MORRIS, 2013, pp. 311-335.

- COCKTON, H. *The life and adventures of Valentine Vox, the Ventriloquist*. London, Willoughby and Co., 1840.
- CONNOR, S. *Dumbstruck: a cultural history of ventriloquism*. Oxford; New York, Oxford University Press, 2000.
- DAVIES, H. *Gender and ventriloquism in Victorian and Neo-Victorian fiction: passionate puppets*. Basingstoke; New York, AIAA, 2012.
- DAVIS-WEYER, C. (Ed.). *Early Medieval art 300-1150: sources and documents*. Toronto, University of Toronto Press, 1986.
- DE LA CHAPELLE, J.-B. *Le ventriloque, ou l'engastrimythe*. London, Abbé de la Chapelle, 1772.
- DI DOMENICO, P. G.; VALENZIANO, C. *Atti del Concilio Niceno Secondo Ecumenico Settimo*, I. Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 2004.
- DODDS, E. R. *I greci e l'irrazionale* (Trad. it.). Milano, Rizzoli, 2009.
- DU TILLET, J. *Opus illustrissimi et excellentissimi seu spectabilis. viri Caroli Magni nutu Dei, Regis Francorum, Gallias, Germaniam, Iraliamque, sive harum finitimas provincias domino opilante regentis, contra synodum, quae in partibus Graeciae pro adorandis imaginibus gesta est*. Paris, 1549.
- ERDMAN, D. V. (Ed.). “S. T. Coleridge. Essays on his times in the Morning Post and the Courier”, In: COBURN, K. (Gen. Ed.). *The collected works of Samuel Taylor Coleridge*. III. London; Princeton, Routledge & Kegan Paul, 1978.
- FREEMAN, A. “The marginal notes in Vaticanus latinus 7207”, In: *Speculum* 46 (1971), pp. 597-612.
- FREEMAN, A.; MEYVAERT, P. *Opus Caroli regis contra synodum (Libri Carolini)*. Hannover, Leipzig, 1998 (= Monumenta Germaniae Historica, Concilia, Bd. 2, Supplementum I).
- HAENDLER, G. *Die Libri Carolini, ein Dokument der fränkischen Frömmigkeitsgeschichte*. Greifswald, Hohen Theologischen Fakultät der Greifswald Universität, 1950.
- HAYES, M. *Divine ventriloquism in Medieval English literature: power, anxiety, subversion*. New York, Palgrave Macmillan, 2011.
- HODGSON, J. A. “An other voice: ventriloquism in the Romantic period”, In: *Romanticism on the Net*, XVI, november 1999, pp. 0-0. DOI: 10.7202/005878ar.
- KRAUSE, V. “Idle works in Rabelais's Quart livre: the case of the Gastrolatres”, In: *Sixteenth Century Journal: The Journal of Early-Modern Studies* 30, I (1999), pp. 47-60.
- LAMBERZ, E. (A cura di). *Concilii Actiones VI-VII*. Berlin; Boston, De Gruyter, 2016.
- LELLI, E. (A cura di). *Erasmus da Rotterdam. Adagi*. Milano, Bompiani, 2013.

- MITALAITÉ, K. *Philosophie et théologie de l'image dans les Libri Carolini*. Paris, Institut d'Études Augustiniennes, 2007, pp. 455-468.
- MORRIS, B. "Demonic ventriloquism and Venetian skepticism in Othello", In: *SEL - Studies in English literature 1500-1900*, 53, 2, (2013), pp. 311-335.
- NOBLE, T. F. X. *Images, iconoclasm, and the Carolingians*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 2009.
- OMMUNDSEN, A. "The Liberal arts and the polemical strategy of the Opus Caroli regis contra Synodum (Libri Carolini)", In: *Symbolae Osloensis* 77 (2002), pp. 175-200.
- PASSINI, G. *Gargantua e Pantagruelle di F. Rabelais*. Roma, Newton Compton, 1925.
- RABELAIS, F. *La vie de Gargantua et de Pantagruel (Quart Livre)*. Paris, 1552.
- \_\_\_\_\_. *La vie de Gargantua et de Pantagruel I-V*. Paris, 1532-1564.
- SAHAS D. J. *Icon and logos: sources in Eighth-century iconoclasm: an annotated translation of the sixth session of the seventh Ecumenical Council (Nicea, 787)*. Toronto, University of Toronto Press, 1986.
- SCHMANDT, W. *Studien zu den Libri Carolini*. Mainz, Sitters burodienst, 1966.
- SPECK, P. *Die Interpolationen in den Akten des Konzils von 787 und die Libri Carolini*. Bonn, Habelt, 1998.
- WALLACH, L. *Diplomatic studies in Latin and Greek documents from the Carolingian age*. London, Cornell University Press, 1977.

